

Tiras cômicas em suportes digitais

(Tiras cômicas en soportes digitales)

Paulo Ramos¹

¹Departamento de Letras – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

contatopauloramos@gmail.com

Resumen: Muchos géneros impresos han emigrado para los soportes virtuales con el rápido avance de las tecnologías de la información. Esa transición de lugar plantea nuevas cuestiones a los analistas textuales. Dos de esas cuestiones son: 1) ¿cuáles son los cambios que ocurren con la modificación de un mismo texto transmitido en los soportes impreso y virtual?; 2) ¿el cambio de soporte altera el género? Uno de los objetivos de este artículo es responder esas cuestiones. Este estudio abordará el género de historieta o tira cómica para trabajar el asunto. La opción de estudiar ese objeto es porque tiene una característica plural de circulación: es vehiculado en los soportes impresos y también en los virtuales. Esta investigación trabajará con estudios textuales y discursivos que intentan presentar explicaciones para el comportamiento de los géneros en los ambientes virtuales.

Palabras clave: Tiras Cómicas; Soporte; Género.

Resumo: Muitos dos gêneros impressos têm migrado para os suportes virtuais com o rápido avanço das tecnologias de informação. Essa transição de lócus lança novas questões aos analistas textuais. Duas delas: 1) quais as alterações que ocorrem na mudança de um mesmo texto veiculado nos suportes impreso e virtual?; 2) a mudança de suporte altera o gênero? Responder a essas questões está entre os objetivos deste artigo. O estudo irá se valer do gênero tira cómica para trabalhar o tema. A escolha do objeto se pautou no ambiente plural de circulação dessa forma de história em quadrinhos: é veiculada contemporaneamente tanto em papel quanto nas mídias virtuais. A análise irá se centrar em pesquisas textuais-discursivas que procuram apresentar explicações para o comportamento dos gêneros no ambiente virtual.

Palavras-chave: Tiras Cômicas; Suporte; Género.

Dois questionamentos iniciais

Vivem-se dias de transição. Fica cada vez mais evidente que o papel deixou de ser o principal responsável por abrigar os textos. Ele passou a dividir o protagonismo com outros suportes, proporcionados pela difusão dos meios virtuais. Telas de computador, celulares e *tablets* têm se propagado como opção de leitura. No âmbito acadêmico brasileiro, para ficarmos em apenas um exemplo, anais de congressos e boa parte dos artigos científicos são hoje compilados em *sites* e utilizados pelos usuários. O acesso é feito por meio da gravação do conteúdo, depois de o arquivo ser devidamente baixado.

Do ponto de vista mercadológico, trata-se de um fato a ser observado e explorado. Sob o ângulo do analista textual, por outro lado, esse novo cenário tecnológico traz uma série de questionamentos a serem analisados e respondidos. Recortamos dois deles para serem aqui abordados: 1) a transição de um texto de um suporte para o outro – em alguns casos, de uma mídia para outra – acarreta alguma mudança no conteúdo?; 2) a mudança de suporte modifica o gênero, configurando-o num gênero diferente do anterior?

Já houve algumas tentativas de respostas, em particular para a segunda questão. Maingueneau (2002, p. 72) defende categoricamente que mudanças assim modificam “o

conjunto de um gênero do discurso”. Para o linguista francês, a difusão dos meios audiovisuais e da informática fez com que se tomasse consciência da importância desses novos elementos de circulação. Marcuschi (2008, p. 174) entende que o suporte deva ter “alguma influência na natureza do gênero suportado”. Mas pondera: “isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial”.

O exemplo dado por Marcuschi (2008) é o de um texto curto, em que o autor pede a uma mulher que ligue para ele o mais rápido possível. Um bilhete? Sim, segundo o pesquisador, caso esteja impresso numa folha de papel. Numa secretária eletrônica, seria um recado. Enviado pelos correios, poderia configurar um telegrama. Poderíamos acrescentar outras situações – num celular, seria lido como um torpedo ou como um WhatsApp, ambos sistemas digitais de envio de mensagens. O ponto central é que, para ele, suporte e gênero apresentariam uma relação em que o primeiro poderia alterar e, ao mesmo tempo, definir as marcas do segundo.

Propomos pôr o tema em discussão ajustando o olhar para um gênero específico, a tira cômica. Ela é definida por Ramos (2011, 2012, 2014a) como um texto em quadrinhos curto, tendencialmente narrativo e com desfecho inesperado, fonte do humor, tal qual ocorre numa piada. A escolha se ancora no fato de esse gênero circular em mais de um ambiente: pode ser lido tanto nas páginas impressas dos jornais quanto em suas contrapartes virtuais, via sites, blogs e redes sociais. A transição de um meio para outro alteraria suas marcas genéricas centrais? É a questão que se procura responder neste artigo, de modo a trazer (mais) algumas luzes sobre a relação estabelecida entre gênero e suporte.

Por uma definição de suporte

Antes de analisar o gênero em si, é necessário ter clareza sobre o conceito de suporte que será adotado. Costuma-se creditar a Debray (1993, 1995) uma das primeiras discussões sobre o assunto. O pesquisador postula que deva existir um novo campo do saber, que intitulou de midiologia. Nas palavras do autor, o termo “mídió”, foco dessa nova corrente de estudo, designaria “*o conjunto, técnica e socialmente determinado, dos meios simbólicos de transmissão e circulação*” (DEBRAY, 1993, p. 15, itálicos do autor). Fariam parte desse sistema as relações e os meios de transporte, bem como os suportes.

Um dos casos usados pelo autor francês para ilustrar o suporte foram as variadas formas físicas usadas para registrar a escrita ao longo dos séculos: da argila ao papiro, do papiro ao pergaminho, do pergaminho ao couro, do couro ao papel, do papel aos meios digitais. Sobre as sucessivas alterações históricas, ele diz que não são necessariamente boas ou ruins. Sinalizam, no entanto, algumas tendências: a desmaterialização, uma democratização quantitativa e qualitativa e põem em discussão o papel dos médiuns anteriores.

O debate proposto por Debray no livro *Curso de midiologia geral* foi a fonte da leitura feita por Maingueneau sobre o tema e cujas ideias começaram a ser expostas por nós na página anterior. Vem do termo “médium”, usado por Debray, a forma “mídió”, adotada por Maingueneau na versão em português de seu livro *Análise de Textos de Comunicação*. O mídió, nessa nova interpretação, seria um dispositivo comunicacional usado para transportar o enunciado de um autor/falante a um leitor/ouvinte e que condiciona “a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso” (MAINGUENEAU,

2002, p. 72). Os suportes oral e gráfico estariam entre os mais antigos a serem utilizados pela humanidade, embora não os únicos.

Marcuschi, outro autor cujas ideias foram iniciadas na página anterior e que são aqui continuadas, define suporte como um “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (2008, p. 174). O autor complementa que essa abordagem traz consigo três premissas sobre o suporte: que ele seja um lugar, que teria um formato específico e que teria como funções a fixação e a apresentação do texto. Poderiam existir duas maneiras de portar tais produções, segundo o linguista: 1) de forma convencional; 2) de forma incidental. A primeira seriam os suportes próprios para abrigar textos (livros, jornais, quadros de avisos, entre outras possibilidades). Os incidentais, como o próprio nome sugere, seriam locais não previstos para comportar produções textuais (portas de banheiro, muros etc.).

As interpretações feitas por Debray, Maingueneau e Marcuschi foram três das fontes resenhadas por Távora (2008). Na leitura deste, o termo suporte ainda era visto na literatura teórica de maneira nublada, ora como sinônimo de mídia, ora como instrumento exclusivamente físico. Em seu doutorado, o pesquisador brasileiro procurou conceituar suporte e dar a ele uma instrumentalização metodológica. Para Távora, a delimitação para análise dos suportes passa por três de seus elementos constituintes: a matéria (usada para difusão dos gêneros), a forma (como se configuram os gêneros e como se dá o acesso a eles) e a interação entre os sujeitos. Dessa forma, a título de ilustração, uma tela de computador comporia um suporte dotado de uma matéria, que moldaria determinados formatos para configuração dos gêneros num processo interacional.

Bonini (2011) também parte das mesmas fontes teóricas, porém propõe outra leitura do tema. O autor procura redefinir os conceitos de mídia e suporte para poder aplicá-los à circulação dos gêneros e dos hipergêneros. Ele parte da premissa de que a mídia seja “entendida como elemento essencial e o suporte, apenas como um componente material da mídia” (BONINI, 2011, p. 681). Com base nesse raciocínio, o pesquisador irá definir mídia como uma tecnologia de mediação, que pode ser reconhecida por sua organização, produção e recepção dada pelos suportes que a compõe. Os suportes, por sua vez, são definidos como o “elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção)” (BONINI, 2011, p. 688).

Ainda de acordo com o autor, só seria relevante o estudo detalhado do suporte se observada a mídia à qual estaria vinculado. Em outros termos: os suportes serviriam para permitir o acesso a determinadas mídias, nas quais circulariam variados gêneros. Um exemplo apresentado pelo próprio Bonini (2011): a televisão. Esta seria uma mídia organizada por canais, constituídos de programas compostos por diversificados gêneros e hipergêneros. A veiculação dos conteúdos seria possível por meio de elementos materiais, como os mecanismos de transmissão eletrônicos e os cenários construídos para exibição de novelas, telejornais e outras produções.

Quando analisado em perspectiva histórica, fica latente que o conceito de suporte é daqueles casos que a metáfora da areia movediça ajuda tão bem a ilustrar. Trata-se de um terreno excessivamente maleável. Procura-se uma definição ao mesmo tempo em que as novidades tecnológicas vão ocorrendo, sendo superadas e recriadas. Em pouco mais

de uma década, mídias foram quase aposentadas (como o fotoblog), extintas (serve de exemplo o *site* de relacionamentos Orkut, encerrado em 2014, após uma década) ou reinventadas (o Twitter, que inicialmente aceitava somente 140 caracteres escritos, passou a abrigar também fotos). Os avanços caminham em velocidade diametralmente oposta à necessidade de maturação científica para a análise de um objeto. O mesmo pode ser dito de seus gêneros e suportes.

Por conta disso, é pertinente supor que um conceito como o de suporte, qualquer que seja ele, tenha de ser revisitado com regularidade. Em tempos de mediações virtuais, torna-se frágil uma definição que se proponha a ser categórica. Parece-nos relevante, no entanto, apontar um aspecto comum às leituras propostas por Maingueneau, Marcuschi, Távora e Bonini. Apesar das diferentes abordagens, todos sinalizam para a existência de uma relação entre os suportes e os gêneros. Bonini dá um passo além, incluindo a mídia nesse circuito teórico, posição com a qual concordamos. Será dele também a definição de suporte a ser adotada neste estudo.

A metodologia a ser aplicada a uma abordagem sobre o tema, porém, irá depender muito do que se pretenda analisar. No caso em tela, a tira cômica, interessa destacar que ela constitui um gênero autônomo, que circula atualmente por diferentes suportes (jornal impresso, revista, computador, celular) e mídias (jornal, Facebook, blogs). Essa difusão plural do gênero é um elemento inovador, que vem ocorrendo especificamente neste século. É importante destacar também um aspecto apontado por Távora, o da forma. Como salienta Ramos (2011), o formato é um dos elementos relevantes para a identificação e composição das variadas formas de tiras, entre elas as cômicas.

Tiras em diferentes suportes

Por terem surgido nos jornais norte-americanos no início do século 20, as tiras cômicas tiveram sua história muito associada a esse suporte impresso. No Brasil inclusive. Magalhães (2006) lembra que as criações nacionais procuraram reproduzir o molde físico (o formato horizontal de produção) e também o modo comercial de circulação criado no exterior. Os estadunidenses criavam uma mesma história, num tamanho predefinido, para que ela pudesse ser reproduzida em mais de um diário jornalístico. Assim, ganhava-se mais com um mesmo produto. Aqui, as tiras da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, são o melhor exemplo desse processo de comercialização.

Não é de estranhar, portanto, que a maioria dos estudos linguísticos sobre o tema tenha tomado como *corpus* de análise as produções impressas, tanto brasileiras quanto estrangeiras. Podem ser citados, a título de fundamentação, os estudos de Lins (2002), Tambelli (2002), Marcelino (2003), Nepomuceno (2005), Catto (2012) e Souza Júnior (2012). Há como ponto comum a percepção de que as tiras cômicas têm como marcas genéricas a apresentação de um desfecho surpreendente, elemento que causa o humor, assim como ocorre numa piada. A sequência predominante indicada costuma ser a narrativa, curta por conta da economia de espaço imposta pelo formato da tira.

No caso dos jornais, o formato tende a ser o retangular e horizontal. Em algumas situações, pode haver histórias produzidas num tamanho equivalente ao de duas tiras. Ramos (2011, 2014b) chamou esse caso de tira dupla. Nas revistas e livros com coletâneas de tiras, o formato horizontal é reprisado, mas costuma ser ladeado por rearranjos

das narrativas, de modo a adaptá-las à realidade da página. Em publicações infantis, por exemplo, é comum a revista ser encerrada por uma tira impressa na vertical, sendo lida de cima para baixo. Apesar dessas variações físicas na maneira de serem apresentadas, elas mantêm a expectativa genérica de que constituam tiras cômicas.

Ainda são poucos os estudos no país sobre as tiras nos suportes digitais, consequência do fato de ser ainda recente a circulação delas no meio virtual – processo iniciado há pouco mais de uma década. O que se pode constatar, no entanto, é que, apesar do pouco tempo, as tiras cômicas já se equiparam ou até mesmo ultrapassam os jornais no volume de produções. Levantamento feito por Nicolau (2013) aponta que, entre setembro e outubro de 2011, havia pelo menos 104 blogs com tiras nacionais. O “pelo menos” é porque o próprio pesquisador pondera que exista um número ainda maior, não mapeado no recorte de seu estudo. O autor defende que os blogs se tornaram a principal janela virtual para a circulação das tirinhas, nome como ele se refere a esse gênero humorístico. De acordo com o levantamento:

- os blogs correspondem a 95% das mídias utilizadas para hospedar as tiras;
- 56% dos autores explicitam que o conteúdo apresentado se trata de tiras (8% identificam como quadrinhos, 32% não informam; outros casos somam 4%);
- o formato da tira é vertical em 42% dos casos, horizontal em 27% e distinto dos dois anteriores em 31% das ocorrências analisadas;
- 56% dos autores usam apenas o desenho para compor suas narrativas; os demais casos mesclam desenhos com imagens (19%), utilizam somente fotos (22%) ou se enquadram em algum outro recurso visual (3%);
- a maioria dos mantenedores das páginas virtuais (95%) oferece espaço para os leitores deixarem registrados seus comentários, recurso comum aos blogs.

Percebe-se, com base na leitura dos dados, que há, nas mídias virtuais, diferenças no processo de produção das tiras (uso de desenhos e fotos), na relação com o leitor (que pode explicitar o que pensa sobre o conteúdo) e no formato apresentado (boa parte delas é apresentada na vertical ou até mesmo em outros moldes). Sobre o último aspecto, Ramos (2014b) defende que o meio digital tem funcionado como um ponto de fuga (metáfora do autor) para o formato da tira:

A mudança de suporte, inicialmente, pareceu manter o formato tradicional impresso. Mas, com a popularização dos blogs, sites e redes sociais, os autores pareceram perceber que as mídias virtuais permitiam fugir da camisa de força do espaço rígido do impresso. Embora exista uma tendência de encontrar tiras compostas por uma faixa horizontal, há registros dos mais variáveis no tocante ao formato. (RAMOS, 2014b, p. 98)

Na leitura do autor, o fato de ocorrerem mudanças nas mídias virtuais não faz com que o gênero necessariamente mude. A proposta de construir um desfecho inesperado e cômico permaneceria. Leitura diferente tem Nicolau (2013). Para o pesquisador, “o formato atual das mídias digitais interativas está modificando o formato atual das tirinhas, de modo a criar novo gênero com novo estilo e propriedades próprias” (NICOLAU, 2013, p. 8). Retomam-se, aqui, as questões colocadas no início deste artigo, acrescidas de novos elementos. Apesar de haver alterações no formato e em parte do estilo, as tiras cômicas presentes nos meios virtuais compõem, de fato, um novo gênero?

Gênero tira cômica em análise

As respostas para as questões colocadas neste artigo demandam análise do gênero nas mídias impressa e virtual. Para isso, selecionamos para estudo dois casos. O primeiro é o de uma tira cômica publicada em jornal e, depois, reproduzida no site de quem a criou e na página da rede social Facebook. A proposta é verificar como o gênero comporta-se em diferentes suportes e mídias. O segundo caso é o de uma produção criada especificamente para os suportes digitais. Também nesta situação, busca-se compreender como se dá o comportamento genérico.

A história do primeiro caso elencado pertence à série *Bichinhos de Jardim*, criada pela desenhista Clara Gomes. O conteúdo é veiculado de segunda a sábado no jornal carioca *O Globo*, do Rio de Janeiro, e também na internet. A proposta é criar situações cômicas envolvendo algum tipo de animal comum a jardins. Conforme descrição mostrada no *site* da autora (GOMES, 2014a), os protagonistas costumam ser uma joaninha, chamada Maria Joana, um caramujo de nome Caramelo e uma minhoca batizada de Mauro.

A série, no entanto, não se prende apenas aos personagens regulares. É comum haver situações que envolvam outros animais, criados conforme a situação. É o caso da história selecionada para análise. Trata-se do exemplo de uma sequência de tiras intitulada “Debate dos candidatos monocromáticos”. Veiculadas no mês de outubro de 2014, aproveitam como tema o tenso clima criado no segundo turno da disputa presidencial. Os então candidatos Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), e Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), polarizaram acusações mútuas e foram o epicentro de uma disputa que dividiu opiniões no país. O resultado do pleito deu vitória à presidenta, reeleita por pequena margem de votos (com 51,6% dos votos válidos, contra 48,4% do adversário).

Parte das trocas de farpas entre Rousseff e Neves se deu nos acalorados debates que protagonizaram. Foi esse o mote usado por Clara Gomes para construir as histórias sobre os candidatos monocromáticos. Como o próprio nome sugere, trata-se de personagens com uma cor: um deles é preto; o outro, branco. Ambos são mostrados alternando falas com conteúdos antagônicos. Se um fala “a”, o outro rebate com “b”.



Figura 1. Debate dos candidatos monocromáticos, tira cômica criada por Clara Gomes
Fonte: Gomes (2014b)

Na tira analisada (Figura 1), as oposições se dão com os termos bananada/maria mole, panetone/chocotone e Nutella. No caso da última, há um silêncio após ser dita pelo personagem preto. No que o oponente branco retruca, depois, que, no seu governo, “a Nutella será melhorada e ampliada!”. O final inesperado, com a possibilidade de o creme de avelã, cacau e leite ser aprimorado, é o que provoca o efeito de humor, próprio do gênero.

A história foi publicada no caderno de cultura do jornal *O Globo* no dia 15 de outubro de 2014, uma quarta-feira. A criação de Clara Gomes circulou na página dedicada às tiras, espaço onde também aparecem as palavras cruzadas, o horóscopo e uma seção com notícias que circularam no diário há 50 anos (a manchete de 15 de outubro de 1964 era “De Gaulle prega aliança Europa-América Latina”). Como se vê, é uma área do periódico jornalístico menos dedicada ao noticiário atual e mais ao entretenimento do leitor. Nesse cenário, as tiras teriam o papel de trazer conteúdo de humor.

A narrativa curta, apesar de não mostrar naquele dia os protagonistas regulares, era identificada ao leitor como sendo da série *Bichinhos de Jardim*. O título da tira era apresentado no canto esquerdo da história, bem como o nome da autora, Clara Gomes. Trata-se de um padrão das tiras publicadas pelo jornal carioca. Todas as seis séries são identificadas do mesmo modo, com elementos paratextuais. Além de *Bichinhos de Jardim*, há também *A Cabeça É a Ilha*, *Agente Zerotreze*, *Urbano*, *o Aposentado*, *Liberty Meadows* e *Dustin*. Apenas as duas últimas são estrangeiras (norte-americanas). As demais são produções nacionais.

No dia 20 de outubro de 2014, a desenhista reproduziu a mesma tira em seu *site* e na sua página do Facebook, mídia que circula por suportes como computador, celulares e *tablets* (nosso acesso foi via *laptop*). O *site* tem como título o nome da série, informação contextual que o leitor tem ao digitar o endereço eletrônico ou visualizar a página em si. No topo do *site*, abaixo da expressão *Bichinhos de Jardim*, aparece um subtítulo, “historinhas mequetrefes”. A frase jocosa antecipa a expectativa genérica de que os conteúdos dialogam com humor, assim como ocorre com o jornal. Na linha de baixo, constam *links* para outros dados, como apresentações de quem são os personagens, o nome e o histórico da autora, formas de contato com ela, matérias sobre a série veiculadas na imprensa.

A tira em si, ao contrário do impresso, recebeu um título, “debate doce”. O adjetivo brinca com a característica central dos alimentos citados pelos candidatos monocromáticos (todos são doces). A informação paratextual ajuda a antecipar o tema a ser abordado na história, mas não é suficiente para revelar a piada final. Tanto acima da tira quanto abaixo, há *links* para que o leitor possa compartilhar o conteúdo em redes sociais, como o Twitter e o Facebook. Na parte inferior, há também um espaço para que a pessoa que teve contato com aquela narrativa possa registrar sua opinião. Esse recurso é uma das marcas do funcionamento dos blogs. E também de sua validação, como destaca Oliveira (2013, p. 158-159):

Uma das principais características dos blogs diz respeito à possibilidade de os leitores intervirem diretamente no conteúdo apresentado. [...] É válido ressaltar também que os blogs dependem inteiramente da participação dos internautas para serem reconhecidos como tal, perdendo, em parte, sua função interativa e até mesmo “razão de ser” quando não há uma abertura ou mesmo a participação ativa de um grupo em interação mútua.

A página *Bichinhos de Jardim* soma-se, portanto, aos 95% de *sites* de autores aferidos por Nicolau (2013) que mantêm a estrutura do blog como mídia para difusão de suas histórias. No dia de circulação da tira aqui analisada, houve dois comentários de leitores – ou “duas conversinhas...”, como fica registrado na tela. A primeira foi inserida na mesma data, às 14h42min (dia e horário ficam indicados na parte de cima do texto). O internauta – cujo nome será omitido – quis sugerir outras possibilidades de desfecho cômico para a tira, cujo trecho é reproduzido a seguir:

Outra resposta boa que a cigarra podia dar pra formiga é:

“Você tem a nutella, mas quem inventou a banana amassada com aveia fui eu! E isso claramente mostra que a nutella não existiria sem mim!!”

Ou, pra caber num quadrinho: “Banana amassada, a mãe de nutella!”

O segundo leitor – cujo nome também não será explicitado – opinou dois dias depois, em 22 de outubro, às 15h10min. Ele foi mais econômico nas palavras e se manifestou sobre o final da tira, que sugere melhora e ampliação da Nutella: “nutela pode ser ampliada... nao pode ser melhorada” (a presença de uma letra “l” na primeira palavra e a falta do til em “não” constavam no comentário original e foram mantidas na citação). Ou no conteúdo, ou sobre o conteúdo, os internautas puderam explicitar o que pensaram sobre o que leram. Embora um tanto quanto óbvio, vale registrar que nem todos os que acompanham a história quiseram se manifestar por escrito. Mas tinham espaço para poderem fazer isso.

A história foi reproduzida no Facebook no mesmo dia em que foi inserida no blog, 20 de outubro. Assim como nos blogs, essa mídia também prevê espaços para que o leitor possa deixar suas opiniões. Outras formas de manifestação no Facebook são por meio de curtidas ou compartilhamento da informação. No primeiro caso, há um *link* para que o internauta possa clicar e “curtir” (na versão em inglês, “like”) aquele conteúdo. A lógica funciona assim: quanto mais cliques, maior repercussão. No segundo caso, a pessoa reproduz aquele conteúdo em sua própria página, acrescido ou não de um texto introdutório. Na leitura de Carvalho e Kramer (2013, p. 85):

Ao compartilhar uma notícia, o dono de um perfil divulga a informação para seus “amigos” que compõem sua rede de relacionamento. Desse modo, como um filtro, a rede espalha a informação para destinatários/receptores ligados entre si digital e socialmente, transformando os próprios destinatários em enunciadores, pois eles repassam a informação produzida pelos locutores socialmente autorizados. Nas notícias divulgadas pelos perfis virtuais das instituições de informação pelo Facebook, percebe-se a necessidade de abertura da informação à intervenção de seus receptores, que participam do debate sobre a notícia em tempo real, comentando, curtindo e compartilhando.

Constrói-se, assim, ainda segundo as autoras, um leitor ativo, que participa e intervém no conteúdo a ele apresentado. Até 10 de novembro de 2014, a tira de *Bichinhos de Jardim* somava 275 curtidas, 155 compartilhamentos e 9 comentários registrados, que são sintetizados no quadro a seguir (os nomes dos leitores foram substituídos pela forma “internauta”):

Quadro 1. Comentários registrados na página *Bichinhos de Jardim* do Facebook em 20.10.2014

Nome	Dia	Horário	Comentário
Internauta 1	20.10	09h32min	Como não votar em alguém que vá melhorar e ampliar a Nutella?! #VoteBaratinha
Internauta 2	20.10	10h11min	Podia baratear também, porque olha...
Internauta 3	04.11	10h02min	<u>Pessoa 1</u> pena que não isso na época dos debates!!! rs lembrei
Internauta 4	21.10	00h40min	E o <u>Pessoa 2</u> vai votar na barata! Kkkkk... <u>Pessoa 3</u>
Internauta 5	20.10	17h07min	<u>Pessoa 4</u>
Internauta 6	21.10	13h45min	<u>Pessoa 5, Pessoa 6, Pessoa 7</u>
Internauta 7	20.10	20h38min	essa menina, parece nossos papos sobre comida de tarde, uhsuahsuaushuhsa
Internauta 8	20.10	12h23min	Já decidi meu voto. Prometer melhorar e principalmente ampliar nutella é golpe baixíssimo.
Internauta 9	20.10	09h18min	E assim surgiu o creme de Ovomaltine

Embora registrem datas diferentes e não cronológicas (do mesmo modo como constava na página virtual), a maior parte das opiniões está concentrada no mesmo dia da veiculação da tira. A maioria faz registros humorísticos sobre aspectos relacionados à Nutella, um dos alimentos expostos na história, como pode ser lido no primeiro, segundo, quarto, sétimo e oitavo comentários.

Merece menção, e explicação, o dado de que parte dos internautas escreveu o nome de outros usuários do Facebook (os casos estão indicados com sublinhado, sob o rótulo “Pessoa”). Explicitar o nome é uma forma de a pessoa mencionada saber que foi citada em algum conteúdo da rede social. Ao acessar a página, ela verá em destaque uma indicação da menção, que pode ou não ser clicada. Se for, leva diretamente à tira da página de *Bichinhos de Jardim* e aos comentários feitos. Constrói-se, assim, uma teia virtual, cuja extensão de alcance se torna bastante plural.

Outro dado que carece de menção é o fato de os comentários também poderem ser curtidos. Foi o que ocorreu com os dois primeiros, que receberam 12 e cinco curtidas cada um, respectivamente (os demais não tiveram nenhuma). Eles ainda podem ser respondidos por outros leitores, num campo próprio, gerando uma interação própria entre os internautas. Ocorreu uma situação assim no primeiro caso, que gerou dois retornos. Ambos são reproduzidos no próximo quadro (nomeamos “interlocutor” o responsável pela escrita da resposta):

Quadro 2. Respostas dadas a um dos comentários da página *Bichinhos de Jardim* do Facebook

<u>Interlocutor</u>	20.10	20h49min	A Nutella não tem como melhorar, isso é mentira
Internauta 1	20.10	20h56min	Ampliar a Nutella já é, de certa forma, melhorar. Por que se concentrar com Nutella se você pode ter MAIS Nutella?

O comentário inicial, feito pelo Internauta 1 e apresentado no Quadro 1, brincava com a proposta apresentada pelo candidato monocromático branco. Dizia o Internauta 1: “Como não votar em alguém que vá melhorar e ampliar a Nutella?! #VoteBaratinha”. O símbolo do jogo da velha, chamado de *hashtag*, é usado nas redes sociais para indexar determinado assunto. A ideia proposta é que cada pessoa que for abordar aquele tema use, por exemplo, a *hashtag* “#VoteBaratinha”. O sistema permite uma busca digital de todos os que escreveram sobre o assunto naquela mídia. Tratava-se, nesse caso, de uma brincadeira.

Brincadeira que gerou como resposta a manifestação do Interlocutor, como visto no Quadro 2. Ele entendia que não haveria como aprimorar o doce: “A Nutella não tem como melhorar, isso é mentira”. O próprio Internauta 1, autor do primeiro comentário, retornou à rede virtual para replicar a manifestação do internauta: “Ampliar a Nutella já é, de certa forma, melhorar. Por que se concentrar com Nutella se pode ter MAIS Nutella?”. Não houve mais trocas de opiniões. Não ocorreu nesse exemplo, mas existem situações em que o próprio autor da tira se manifesta, seja para comentar algum aspecto abordado, seja para se defender de polêmicas, seja para agradecer elogios, seja por outra situação qualquer.

Percebe-se nitidamente que o contexto enunciativo, tanto no *site* quanto no Facebook, é diferente do visto no suporte impresso. Além da localização de circulação da tira em si, há a possibilidade de interação direta com o leitor, algo que, nos jornais, somente poderia ocorrer via seção de cartas da edição do dia seguinte, e isso se a manifestação ultrapassasse a barreira do crivo editorial. Nas duas mídias pesquisadas, essa interlocução com o autor é direta. E ampliada até, se observados os casos em que os próprios internautas interagem entre si. O gênero, no entanto, manteve as marcas centrais e foi lido de maneira cômica, como atestam os comentários deixados pelos leitores. Sob esse prisma, ao menos, não ocorreu mudança genérica.

Formato das tiras virtuais

Outro elemento que pode ser investigado é com relação ao formato apresentado pelas tiras cômicas produzidas especificamente para as mídias virtuais. Como sinalizado por Nicolau (2013), as histórias nos suportes eletrônicos tendem a apresentar tamanhos variados, sendo que a minoria (27%) é mostrada na mesma maneira que nos jornais impressos (apenas para lembrar o dado, a maioria, 42%, é exposta na vertical). Para investigar esse aspecto, optou-se por usar como recorte uma série que tivesse a tendência de veicular tiras com moldes variados. Foi assim que se chegou às histórias de *Gi & Kim*, criadas por Marcos Noel.

A série é veiculada pelo desenhista em página própria, com uma estrutura semelhante à de *Bichinhos de Jardim*: há *links* para informações sobre o autor e a série, formas de contato, espaço para comentários, campos para divulgar o conteúdo lido em redes sociais. As histórias abordam situações cotidianas vividas por um casal: Gi, a esposa, e Kim, o marido. A pesquisa na página virtual foi feita no início de novembro de 2014 e revelou que há uma tendência a não usar o formato horizontal, comum nos jornais impressos. Priorizam-se os moldes quadrado e retangular, a depender do tamanho da história que se pretenda narrar. Há exemplos dos dois casos:

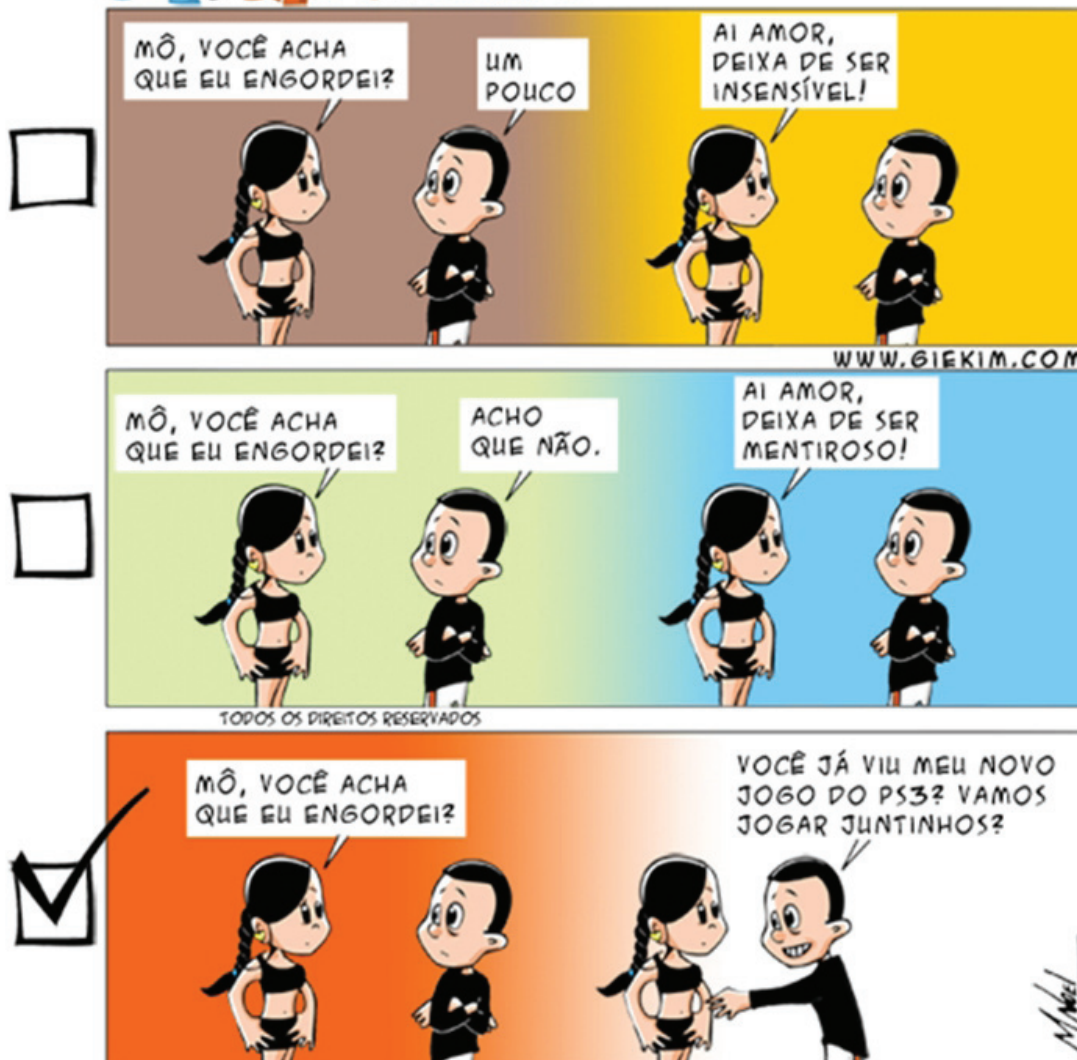


Figura 2. Tira longa da série *Gi & Kim*
Fonte: Noel (s/d)



Figura 3. Tira da série *Gi & Kim*, série criada por Marcos Noel
Fonte: Noel (s/d)

Pode-se observar que os dois casos se valem de formatos diferenciados para construir suas respectivas narrativas, mas ambos mantêm a marca genérica da tira cômica de apresentar uma situação final inesperada para gerar o humor. No exemplo mostrado na Figura 2, a comicidade é construída por meio de uma sugestão de alternativa correta à pergunta da esposa sobre ela ter ou não engordado. A graça está nas possibilidades. Em caso positivo, o marido seria insensível. Se for uma negativa, ele seria mentiroso. A solução sugerida, e fonte do humor, seria a de fugir do assunto, respondendo a ela sobre um novo jogo de *videogame* e propondo que o conheçam juntos.

No caso da Figura 3, o humor se constrói pela oposição do personagem Kim, mostrado quando ainda era solteiro (no primeiro quadrinho) e depois de ter se casado (na segunda cena). Antes, ia à praia para “dar uma malhadinha rápida”. Após o enlace, a atividade física funciona como pretexto para driblar uma possível ida à feira – informação que se infere com base na leitura. Nas duas tiras, há o desfecho cômico, próprio do gênero. As mudanças de formato não alteraram essa marca.

Na leitura de Ramos (2014b), os novos suportes e mídias têm permitido um processo de alargamento e de experimentação do formato, algo visto nos jornais norte-americanos da virada do século 19 para o 20, época em que o tamanho fixo da tira ainda não havia sido configurado. Para o autor, as novas possibilidades de molde têm se construído

uma estabilidade dentro da instabilidade virtual. Mas não seriam suficientes, *a priori*, para compor um novo gênero.

Considerações finais

Vale reprimir nestas linhas finais a metáfora da areia movediça. Trilhar os novos suportes e mídias é terreno instável. As alterações e as inovações deles tendem a ser mais rápidas que o tempo necessário para estudá-las. Por isso, as análises sobre o tema demandam necessárias revisões e atualizações, sejam quais forem os resultados obtidos. O teor frágil do tema se reflete também nas generalizações, como a de que mudanças nos suportes alteram o gênero ou então que, pelo fato de ter trocado de suporte e mídia, tenha constituído outro gênero.

Entendemos que tais premissas podem ser válidas, desde que acompanhadas de necessária análise do objeto. Em outros termos: a mudança de suporte e mídia pode alterar o gênero, levando-o a configurar um novo gênero, mas não necessária ou obrigatoriamente. Por ser terreno instável, como dito, vale a ressalva da cautela. Cada caso é (ou pode ser) diferente do outro.

A ressalva é válida também para as considerações que ora tecemos neste artigo. Os resultados baseiam-se em recorte na circulação de um gênero específico, a tira cômica. A análise procurou responder se a transição dos suportes impressos para os digitais acarretava mudanças de conteúdo e se levaria a configurar um gênero distinto. Com base no que foi investigado, pode-se perceber que houve mudanças nas condições enunciativas, tornando mais próximo o contato com o leitor nas mídias virtuais, e nos formatos utilizados.

Percebe-se que a amarra do tamanho fixo é um elemento próprio do suporte jornal. No circuito digital, solta-se a camisa de força e as histórias passam a comportar extensões convenientes aos interesses do autor. Em revistas ou livros impressos, vale reiterar, ajustes assim não eram raros – ou seja, não é algo inédito. Mas, mesmo em formatos flexíveis, ainda há nas mídias digitais o predomínio da narrativa, ora mais curta, ora menos, com o desfecho inesperado, que leva ao humor. As marcas centrais do gênero tira cômica são mantidas nos novos suportes. Sob esse aspecto, não há mudança de gênero. Ao menos até o momento, como a apregoada cautela recomenda registrar.

REFERÊNCIAS

- BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2014.
- CARVALHO, N.; KRAMER, R. A linguagem no Facebook. In: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. (Org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 85-92.
- CATTO, N. R. *Uma análise crítica do gênero multimodal tira em quadrinho*: questões teóricas, metodológicas e pedagógicas. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.
- DEBRAY, R. *Curso de midialogia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Manifestos midiológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, C. *Bichinhos de Jardim*. Disponível em: www.bichinhosdejardim.com Acesso em: 9 nov. 2014a.

_____. *Bichinhos de Jardim*. Segundo Caderno. *O Globo*. 15 out. 2014b. p. 9.

LINS, M. P. P. *O humor nas tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda*. Vitória: Grafer, 2002.

MAGALHÃES, H. *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCELINO, M. M. *Toda Mafalda: um estudo de estratégias linguístico-discursivas da comicidade*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEPOMUCENO, T. *Sob a ótica dos quadrinhos: uma proposta textual-discursiva para o gênero tira*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2005.

NICOLAU, V. *Tirinhas & mídias digitais: a transformação deste gênero pelos blogs*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

NOEL, M. *Gi & Kim*. (s/d) Disponível em: <http://www.giekim.com/> Acesso em: 10 nov. 2014.

OLIVEIRA, M. R. Interações na blogosfera. In: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. (orgs.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 157-179.

RAMOS, P. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

_____. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014a.

_____. Pontos de fuga: registros do processo de alargamento do formato das tiras. *9ª Arte: revista brasileira de pesquisas em histórias em quadrinhos*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 85-103, 2014b. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/96/118>. Acesso em: 9 nov. 2014.

SOUZA JÚNIOR, R. C. *Referenciação e humor em tiras do Gatão de Meia Idade, de Miguel Paiva*. 139 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

TAMBELLI, A. L. R. *As tiras do Laerte no Classifolha dominical: uma abordagem sociosemiótica*. 344 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TÁVORA, A. D. F. *Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais*. 183 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2008.